

# CEDI

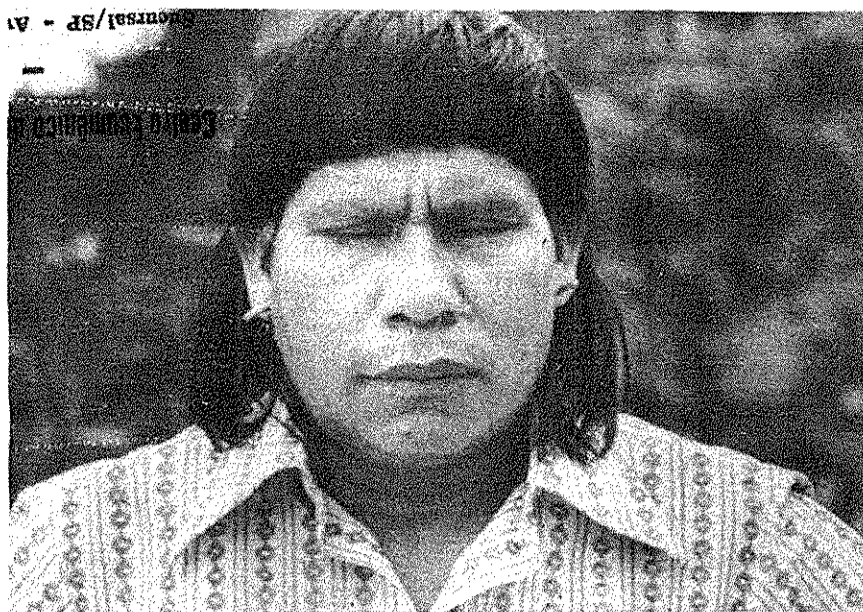
## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Folha de São Paulo*

Class.: 347

Data: 04.02.77

Pg.: \_\_\_\_\_



O cacique Juruna: o índio deve demarcar sua terra antes da chegada do branco.

### <sup>FSP</sup> "Defendam sua terra" <sup>04/02/77</sup> diz Juruna aos índios

BRASILIA (Sucursal) — "Irmãos índios, vocês devem demarcar suas terras antes da chegada do branco, senão branco aperta índio e ele fica sem terra. Waimiri tem razão pra defender seu lugar. Índio tem razão. Tá defendendo seu direito."

No interior do automóvel que o conduzia de regresso à sua aldeia — impossibilitado de prosseguir viagem pelo estrago feito pela chuva à estrada para Barra do Garças, o cacique Mário Juruna revelou qual seria a mensagem que ele gostaria de transmitir aos índios do Brasil se ele tivesse oportunidade, como é o seu grande sonho, de visitar todas as comunidades indígenas do País, "para ver de perto a situação de todoíndio".

Ele sabe que o grande problema do índio brasileiro é a defesa de sua terra, sempre tão cobiçada pelos brancos, ávidos por solos ricos, em cultura e minério, quase sempre de propriedade de grupos indígenas. Ele tem experiência de luta pelo seu lugar. Foi Mário quem mais batalhou, ao lado dos Xavantes de São Marcos, para demarcar a reserva que estava sendo invadida por fazendeiros da região.

Há cerca de dois anos, os Xavantes de São Marcos receberam o título de posse de suas terras, "em nome da União porque o general Ismarth explicou que o índio ainda não sabe defender a terra mas que, quando índio tiver mais preparado, ele vai tomar conta sozinho da sua terra e da sua criação". Mas foi com muitas idas e vindas à Brasília, muita ameaça a fazendeiros e, vice-versa, que o Xavante conseguiu ter sua área demarcada. E, segundo Mário, o que mais o entristece é que poucos índios "sabe entender das coisas como eu".

#### CONCEITOS DE MÁRIO

Uma característica de Mário, de fato, é a compreensão que ele tem do mundo "civilizado" e a forma que utiliza para lidar com ele, seguindo seus conceitos puros e firmes sobre a Funai, o Estatuto do Índio, sobre missionários e até sobre a figura do Presidente da República, "ele é o cabeça do Brasil".

"O presidente, sem referir-se especificamente ao presidente Ernesto Geisel, mas sim, a figura, em geral, de que ele entende por presidente. "Eu tive lá agora. O Raul me disse que o presidente tava muito ocupado. Disse que não é ele que cuida do problema do índio. Nem o ministro. Só a Funai tem que resolver o problema do índio. Mas não é o presidente que manda no Brasil? Porque não deve receber o índio, o posseiro? Índio é outra nação? Não é brasileiro?"

Na sua opinião, o governo deveria receber o cacique dos índios, como recebe os ministros de Estado. "O presidente lê notícias do índio no jornal e acha que sabe. Nunca fica sabendo se é verdade ou mentira. Precisa receber o índio pessoalmente para saber a verdade".

#### AMIGOS PARTICULARES

Uma das grandes preocupações do chefe Xavante, atualmente, é a quantidade de notícias que tem saído nos jornais sobre ele. "O índio quer viver isolado, escondido, mas os jornais não deixam". Segundo Mário, muitas notícias dizem coisas que não precisavam dizer e que só vão prejudicar os índios.

"Meus amigos particulares" — amigos particulares exclui o pessoal da Funai, do Ministério, da missão salesiana e, os índios, naturalmente — "disseram praeu ter cuidado. Fazendeiro pode me matar porque eu tou sempre brigando com eles. Mas meus amigos disseram que sempre vão querer saber onde eu estou. As pessoas vão procurar saber como eu morri."

Isso porque, explica o cacique, ele está sempre procurando defender o índio, sempre viajando pelas aldeias sempre brigando pelo que ele acha que tem direito. Ele exige que o branco respeite o índio na sua cultura e nos seus valores, compreendendo o índio, como o índio tem que aprender a entender o branco e seu mundo. Como, por exemplo, quando ele fala sobre a reunião dos índios de Roraima, na Vila Surumu, e que foi dissolvida pela Funai:

"O índio lá em cima teve reunião. A Funai não devia ter acabado. Devia ter respeitado. Precisa assistir e ouvir o problema do índio. Fiquei muito chateado com isso. Foi falta de educação. Imagina o índio não poder viver unido. Não poder comunicar com outra tribo. Branco faz reunião todo dia, toda

hora. Índio faz uma vez por ano e ainda não pode. Vamos tratar índio, ajudar índio, respeitar índio. A gente não pode pensar que índio é bicho, nem boneco. Temos olhos pra vê, ouvido pra escutar. O índio sabe tudo. Só que na língua dele. Tem dificuldade de aprender a língua portuguesa."

Mário também tem um conceito muito claro sobre o Estatuto do Índio e a situação do índio no Brasil. "O Brasil devia melhorar a situação do pobre da cidade e do índio também. A situação do índio é grande e triste", disse ele. E sobre o governo: "o governo é público, tem que aceitar índio."

Com relação ao Estatuto do Índio, comentou o cacique Mário Juruna: "Estatuto do Índio existe. É bom. Mas ninguém ligã, ninguém tá sabendo. O Estatuto fala em defender índio. Não sei quem assinou o Estatuto, mas ninguém tá pensando em cumprir ele".

#### JOVEM CACIQUE

Ao narrar a história dos quatro anos que viveu fora da Reserva de São Marcos, Mário vai fornecendo dados sobre como aprendeu a lidar com o branco e conhecer os macetes do complicado sistema dos civilizados. Durante o tempo que esteve fora, ele trabalhou em diversas fazendas: como escravo "ninguém nunca pagou nada pra mim".

Também serviu o Exército, em São Luis do Cárcere, "para aprender coisas do mundo do branco". Ficou no Exército até que as saudades da aldeia e da família apertaram. Foi quando pediu baixa: "E um coronel, que gostava muito de mim, não quis deixar eu sair. Disse que eu poderia subir no Exército e ser o primeiro índio oficial".

"Mas eu não quis não. Tive que mentir pra ele e dizer que precisava falar com meu pai para ver se ele queria que eu ficasse e que depois voltava. Ai o coronel deixou eu voltar para aldeia e nunca mais eu fui para São Luis do Cárcere".

Mário Juruna já é um líder indígena, aos moldes de um verdadeiro guerreiro que sabe suportar com dignidade os revesses da vida. "A vida tem me machucado muito". E também sabe que como ele, existem poucos índios, talvez nenhum, com exceção do bororo Daniel Cabixi, que também saiu da aldeia por uns tempos, para depois retornar e lutar pelas terras do seu povo. E isso é uma das coisas que mais o entristece.

"O índio não é como eu", diz ele pensativo. "Estou percebendo muita coisa, por isso vou a Brasília brigar e vou a Cuiabá e brigo. Governo pode me machucar muito. Mas vou continuar brigando. Mas só eu que briga. Não adianta, índio não entende".